

KUBRUSLY, Cláudio. **O que é Fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos; 82)

O QUE É FOTOGRAFIA?

Diante da pergunta, o menino hesitou um instante e lascou:

– Fotografia?... É quando a televisão pára de mexer, fica tudo paradinho e a gente pode olhar as coisas devagar. É o maior barato!

A resposta é intrigante: substitui o fluir da própria vida, o passar incessante do tempo, pelo correr de um filme ou uma fita de vídeo. Fotografar passa a ser o ato de parar o fluir de uma imagem já existente, não um processo de obtenção e reprodução dessa imagem.

Nosso menino, convivendo com a televisão desde que nasceu, não questiona a existência das imagens, não se impressiona com a possibilidade de obtê-las e reproduzi-las. Para ele, o mundo das imagens existe, e pronto. Já para nossos avós, que assistiram em meados do século passado ao nascimento da

fotografia, a coisa era um pouco diferente. O que mais os impressionava era o fato de ser possível obter uma imagem “sem o auxílio da mão do homem” – como se dizia então. Parecia mágico – quase bruxaria – que uma máquina pudesse produzir imagens tão perfeitas de qualquer coisa que se colocasse diante dela.

Chegavam a afirmar, maravilhados, que um pintor devia considerar a fotografia de uma paisagem como a própria cena ao vivo, tal a fidelidade da reprodução. Era – diziam – como trazer a própria natureza para dentro do estúdio, e argumentavam que uma fotografia era, sem dúvida, obra da natureza, uma vez que a imagem era obtida pela ação da luz, automaticamente, sem intervenção humana. Surgia assim uma confusão que, infelizmente, deixa suas marcas até hoje.

Afinal, o que é fotografia? A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém de quem gostamos? Ou apenas uma ilusão? Uma ilusão de ótica que engana nossos olhos e nosso cérebro com uma porção de manchas sobre o papel, deixando uma sensação tão viva de que estamos diante da própria realidade retratada?

Ou, ainda, o prodígio que nos mostra a face oculta da lua; o momento exato em que o espermatozóide penetra no óvulo; a bala de revólver que acaba de cortar ao meio uma carta de baralho; a complicada estrutura de uma bactéria ou nuvens de estrelas tão distantes que nem podemos suspeitar?

Fotografia é tudo isso e mais um monte de coisas também. Fiz a pergunta a várias pessoas – inclusive alguns fotógrafos – e não houve sequer duas respostas iguais. A pretensão deste livrinho não é encontrar uma resposta definitiva, tampouco esgotar o assunto. Também não se trata de um manual sobre fotografia, muito menos um manual técnico sobre fotografia.

Quando se fala em aprender fotografia, logo se pensa em técnica: nos mistérios do laboratório, nos truques e segredos da iluminação, em filtros capazes de operar milagres e outras fantasias assim. É compreensível que todo esse mundo meio mágico exerça grande fascínio e atração. Afinal, existe uma aura mística envolvendo tudo isso. Ser fotógrafo é um pouco como ingressar num clube privado onde só alguns eleitos são admitidos.

Cria-se assim uma divisão simplista e errada do mundo em relação à fotografia: de um lado, ficam os que entendem do assunto e são, portanto, fotógrafos; do outro, os leigos, que não entendem nada de fotografia e, mesmo que usem uma câmara de vez em quando, não são fotógrafos.

Esta é uma visão estreita e deformada. Ninguém

exige que você seja músico para gostar de música e entender muito ou pouco do assunto. Nem só os poetas devem saber ler e escrever, assim como nem só os fotógrafos devem ter acesso à fotografia.

Ernst Haas, fotógrafo internacionalmente consagrado, diz que a fotografia é “a manifestação democrática de uma arte aristocrática”. Esta interessante colocação pode explicar muita coisa relacionada com nosso tema.

No momento em que a fotografia surgiu, os homens estavam em plena lua-de-mel com a Máquina. A indústria parecia ter vindo para resolver todos os problemas da humanidade. As linhas de montagem e o poder das máquinas a vapor surgiam como uma garantia de progresso e prosperidade para todos. A industrialização tornava tudo mais barato. Cada um podia ter acesso a um número maior de bens antes inatingíveis. Neste contexto, a fotografia emergiu quase que como uma forma industrial da imagem, que nascia apoiada na misteriosa “máquina de pintar”. Para uma humanidade apaixonada, os frutos da Máquina eram sempre bem-vindos.

A fotografia trazia em si vários aspectos democratizantes. Primeiro, um número muito maior de pessoas podia empreender uma aventura, antes restrita a uma elite: a transformação de suas emoções, seus pensamentos, seu modo de ver numa imagem passível de ser difundida, analisada e criticada.

Aparentemente não é necessária nenhuma habilidade especial para produzir imagens fotográficas, ao contrário do que acontece com a pintura, a gravura ou o desenho. Abria-se assim uma porta larga, fácil e barata ao Olimpo reservado aos artistas, apesar dos protestos veementes de muitos pintores, que se sentiram ameaçados por uma concorrência desleal. Surgiu então uma discussão que perdura até hoje, mais inócua que a determinação do sexo dos anjos: a fotografia é arte?

Em segundo lugar, a fotografia tornou possível a qualquer pessoa a posse de imagens, e de início assumiu uma importância decisiva a posse de sua própria imagem-seu retrato (antes, poucos podiam pagar os trabalhos de um pintor).

Em pouco tempo a fotografia começou a produzir outros tipos de imagens. Entre elas, imagens documentando condições subumanas de trabalho e existência. Emergia uma incômoda realidade muito diferente daquela idealizada e registrada pelos pintores. Eram imagens cruas, que pela simples existência impunham alguma providência, imagens que clamavam contra um estado de coisas que não se podia mais fingir não ver.

Mas a imagem fotográfica, atingindo um número cada vez maior de pessoas, adquiriu um aspecto democrático ainda mais sutil.

Analisar os dados que a vida nos coloca, permanentemente, diante dos olhos implica assumir a

posição de espectador. O filósofo, — de qualquer tipo — no fundo é sempre um espectador do grande circo da vida. Para o homem comum, consumido pelos problemas de seu cotidiano, é muito difícil assumir esta postura e, portanto, ser capaz de analisar ou compreender a complexibilidade que o envolve. Sendo também um ator, ele não consegue se pôr à margem para pensar. A imagem da vida, na fotografia, e posteriormente no cinema e na televisão, torna mais fácil, para o homem comum, assumir a posição de espectador, levando-o a reconsiderar muitos dos valores estabelecidos. Trazendo-lhe em forma facilmente assimilável uma visão muito mais ampla de seu universo, distribuindo mais democraticamente o conhecimento e o pensamento da humanidade. A imagem não está limitada pela barreira dos idiomas ou da alfabetização.

Excetuando alguns problemas especiais, fazer fotografia é muito fácil e não exige conhecimentos profundos de nenhuma ciência. Talvez a maior exigência seja exatamente um conhecimento o mais diversificado possível. Assim, preferi abordá-la como uma linguagem que, bem ou mal, vem sendo usada intensivamente tanto pelos fotógrafos como por quase todo mundo. Escolhi alguns aspectos que me parecem estimulantes, ou intrigantes, para que você possa, pensando sobre o assunto, tirar suas próprias conclusões.

A proposta não obriga a uma leitura linear.

Cada capítulo é mais ou menos autônomo e pode ser lido isoladamente, abordando temas que levam a pensar sobre fotografia. Sobre a fotografia como um meio de expressão pessoal. Sobre seu lugar no contexto das artes visuais. Sobre a maneira como reagimos à imagem fotográfica, a outras imagens e à própria realidade representada. Sobre sua importância para os milhões de pessoas que diariamente documentam — sem maiores pretensões — seus amigos, seus familiares, suas conquistas pessoais, suas alegrias (insucessos e tristezas dificilmente são documentados pelos envolvidos, embora seja o tema preferido pela imprensa).

O último capítulo dá uma visão dos passos e tropeços da fotografia na busca de uma sintaxe própria, sempre esbarrando e se confundindo com sintaxes alheias.

É muito pouco para dar uma visão da história da fotografia ou equacionar um problema que ainda é vivo e atual. A intenção é, apenas, despertar a curiosidade daqueles que vão, eventualmente, continuar esta história. O livro todo, aliás, poderia ser encarado assim.

Talvez lhe pareça estranho um livro de fotografias cheio apenas de palavras, sem fotos. Talvez seja, mas há boas razões para explicá-lo: primeiro, tivemos de optar entre um livro de imagens ou de texto. O próprio formato da coleção, sua proposta editorial e a vontade de conversar sobre fotografia indicavam a segunda opção. A imagem não é meio

adequado para lidar com as idéias (este tema, sim, é discutido adiante). Depois, há imagens que perdem muito de sua força se não forem impressas com muito capricho num papel muito caro. As melhores reproduções de fotografias monocromáticas são obtidas com duas impressões! Sim, uma para as sutilezas dos tons claros e outra para obter um preto profundo. Por fim, existe o problema de direitos autorais das imagens. E a maior parte das fotos que gostaríamos de mostrar pertence a coleções ou autores do exterior e implicaria uma complicada burocracia para obtenção das cópias originais.

Assim, ficamos com a segunda opção: vamos falar de fotografia. No final do livro você encontrará uma bibliografia que sugere algumas obras onde é possível *curtir* algumas das mais importantes obras fotográficas. A bibliografia não é exaustiva, o que seria praticamente impossível, tal a quantidade de livros de imagem que têm sido editados nos últimos anos. Quase sempre são livros caros, pelas razões já explicadas, mas alguns podem ser vistos em bibliotecas (já existem algumas especializadas). De qualquer forma é muito importante, para quem se interessa por fotografia, ver muita fotografia; conhecer a obra de seus monstros sagrados, um pouco de sua história (principalmente sua história visual) e ir fazendo suas descobertas neste universo de superprodução da imagem.

A resposta do menino deve ter tido sua origem

num sonho milenar da humanidade. O sonho de poder reter, pegar, guardar a imagem refletida por um espelho ou por uma poça d'água qualquer. A fotografia realizou este sonho, inaugurando uma nova era de civilização, onde a imagem tem, sem dúvida, um dos papéis principais.